

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS PIONEIRAS DO CINEMA PORTUGUÊS | BÁRBARA VIRGÍNIA, PIONEIRA I

29 de Maio de 2026

### AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA / 2023

*um episódio-piloto para uma série televisiva homónima de LUÍSA SEQUEIRA*

*Realização, Argumento:* Luísa Sequeira *Fotografia:* Luísa Sequeira, Marco Oliveira *Montagem:* Luísa Sequeira, Vítor Carvalho *Com:* Joana Linda, Luísa Sequeira.

*Produção:* Um Segundo Filmes (Portugal, 2023) *Produtor:* Humberto Rocha, Pedro Medeiros *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 15 minutos *Primeira apresentação pública:* 4 de Maio de 2023 ("A Cinemateca com o Indielisboa | Director's cut"), com L'EDEN DE LA CIOTAT (Alain Bergala, 2022).

### QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? / 2017

*um filme de LUÍSA SEQUEIRA*

*Realização, Argumento, Fotografia, Montagem:* Luísa Sequeira *Montagem de Som:* Maurício d'Orey *Com:* Joana Linda, Luísa Sequeira.

*Produção:* Um Segundo Filmes (Portugal, 2017) *Co-Produção:* Mutuca Filme *Produtores:* Luísa Sequeira, Eduardo Sama *Cópia:* DCP, preto-e-branco e cor, 77 minutos *Primeira apresentação pública:* Outubro de 2017, Doclisboa 2017 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de Janeiro de 2018 ("Prémio Bárbara Virgínia") [foi apresentada na Cinemateca uma versão de trabalho do filme com 20 minutos, em 2015, no contexto do mesmo Prémio, em colaboração com a Academia Portuguesa de Cinema].

---

Bárbara Virgínia. É justo que Luísa Sequeira comece pelo nome. Em ambos os filmes, uma artista-realizadora-investigadora olha para uma mulher cineasta portuguesa como ela, e começa pelo nome. Bárbara Virgínia (1923-2015), que na realidade teve por nome de nascença Maria de Lourdes Dias Costa, e optou por este nomeando-se artisticamente como a sua bisavó, avó e mãe. Assim mesmo se lê no cartão profissional do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema que Luísa Sequeira mostra perto do fim de QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? antes de ouvirmos a voz de idade avançada da protagonista ausente afirmar-se "teimosíssima", e como convém ter em mente que "continuo a ser uma criança". Tanto a curta AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA, episódio-piloto da série televisiva com o mesmo nome, como esse "road movie documental" (QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA?) se inscrevem na linha do trabalho de "reconstrução de narrativas feministas na arte e no cinema, recriando uma constelação de imagens que desafiam o poder falocêntrico" que Luísa Sequeira tem vindo a realizar. Está na nota biográfica que refere a investigação artística na qual cruza plataformas e integra "colagem, práticas de arquivo e cinema expandido". As pessoas têm um nome que as associa à sua identidade. É uma afirmação. Num e noutro filme de Sequeira, um *off* soletra o nome próprio da retratada, *chamo-me, sou*.

Bárbara Virgínia. É o centro destes dois filmes de Luísa Sequeira dedicados ao resgate da primeira mulher a realizar uma longa-metragem de ficção em Portugal, que foi simultaneamente a primeira mulher, e a mais jovem, a apresentar um filme em Cannes, em 1946, aos vinte e dois anos – o hoje parcialmente perdido TRÊS DIAS SEM DEUS (1946), de cujo material, devorado num incêndio subsiste a esta data apenas quatro excertos não contínuos num total de trinta e dois minutos sem som (dos 102 minutos de duração original), além dos quatro minutos de *trailer*, sonorizado. Nascida em Lisboa, Bárbara Virgínia (1923-2015) estudou teatro, canto, piano e dança no Conservatório, estreando-se a declamar poesia na rádio, na Emissora Nacional, aos quinze anos. Trabalhou no Teatro de São Carlos, foi colaboradora de várias revistas, estreou-se nos palcos na peça *O Ladrão*, numa encenação da companhia de Alves da Cunha. Depois de TRÊS DIAS SEM DEUS fez rádio, teatro, inúmeros recitais de

poesia (*dita* e não declamada, sublinhava, destacando João Villaret, de quem era amiga pessoal, como o grande declamador). Foi por assistir a um deles, no São Luiz, que um empresário brasileiro lhe propôs a ida para o Brasil, onde prosseguiu na poesia, no teatro, na rádio, na televisão (TV Tupi). Também teve um restaurante (Aqui É Portugal), que montou e alimentou com a mãe, cheia de ideias e com o pouco jeito comerciante que a fez desistir do projecto uns dois anos depois. Mãe aos cinquenta e um anos de uma filha, chamada com o nome da “linhagem bárbara” (expressão minha), concentrou-se na rádio e publicou cinco livros.

No cinema, antes de TRÊS DIAS SEM DEUS, que interpretou além de realizar e adaptar a partir do argumento de Raúl Faria da Fonseca baseado em *Mundo Perdido* de Gentil Marques (título de trabalho do projecto que teve como primeiro realizador designado o mesmo Raúl Faria da Fonseca), Bárbara Virgínia foi actriz de SONHO DE AMOR (Carlos Porfírio, 1945). REBECCA de Hitchcock (1940, estreado em Lisboa em 1941), visto e revisto no São Luiz, fora uma inspiração. A produção vagarosa de SONHO DE AMOR, permitiu à jovem actriz tomar contacto estreito com o ofício, um pouco à semelhança do que sucedeu com Ida Lupino (1918-1995, sete filmes realizados entre 1949 e 1953), em Hollywood, actriz-realizadora de que o mundo teima em guardar apenas a faceta de actriz e que aprendeu a fazer cinema observando os realizadores e os técnicos dos filmes em que era dirigida no coração do sistema dos estúdios. Se Lupino, ou, no Japão, Kinuyo Tanaka (1909-1977, realizou o primeiro de seis filmes em 1953), conheceram as agruras de uma mulher, actriz reconhecida, que quis fazer cinema num mundo iminentemente masculino, e patriarcal, Bárbara Virgínia foi ainda penalizada pelo país em que nasceu, pequeno, recôndito, subjugado à ferocidade de uma ditadura que somava, outra vez ainda, essa obscena camada de castração. João César Monteiro queixava-se da pequenez insustentável de Portugal nos anos 1970 (e, em rigor, daí em diante), imagine-se uma mulher a tentar afirmar-se cineasta duas décadas antes, como Bárbara Virgínia. Antes de Lupino e de Tanaka, já agora.

Luísa Sequeira não refere Lupino nem Tanaka, mas detém-se em pioneiras, pioneiras. Seis anos depois da longa-metragem, que não pergunta *quem és tu*, mas *quem é ela*, Bárbara Virgínia volta a surgir em AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA como uma ficcional narradora interpretada por Joana Linda. Nesse episódio-piloto é Bárbara Virgínia, mulher cineasta, a guiar uma “viagem” na primeira pessoa que evoca o extraordinário trabalho da francesa Alice Guy-Blaché (1873-1968), da alemã Lotte Reiniger (1899-1981) e da luso-brasileira Carmen Santos (1904-1952). Começa-se pela matriz – cineasta e produtora de múltiplos ofícios dos primórdios, Alice Guy-Blaché foi, como hoje se sabe, obliterada da história do cinema durante décadas infindas, tendo o seu nome começado a ressoar em anos mais recentes (é ver BE NATURAL – A HISTÓRIA NUNCA CONTADA DE ALICE GUY-BLACHÉ, 2018), reconquistando a visibilidade da obra realizada em França, na Gaumont, desde LA FÉE AUX CHOUX (1896), e nos Estados Unidos, a partir da companhia que fundou em 1910 com o então marido, a Solax, o grande estúdio de cinema pré-Hollywood de nome e imagem soalheiros. O percurso feminista de Alice Guy-Blaché, que filmou bebês em repolhos, crianças traquinas, homens e mulheres em papéis desencontrados – LES RÉSULTATS DU FÉMINISME (1906), e quase outros mil títulos de inúmeras inovações narrativas e tecnológicas, é aqui, em certo sentido, posto em paralelo histórico com a médica republicana sufragista portuguesa Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911). Bem lembrada.

AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA passa depois ao território desbravado no cinema de animação por Lotte Reiniger, no contexto da vanguarda alemã (AS AVENTURAS DO PRÍNCIPE ACHMED, 1926), que inspira porventura o “teatro de sombras” que Luísa Sequeira convoca em alguns dos planos, um pouco como sucede na revisitação filmada do livro publicado em 1972 pelas três escritoras das *Novas Cartas Portuguesas* no anterior O QUE PODEM AS PALAVRAS (co-realizado com Luísa Marinho, 2022). AS PIONEIRAS passa ainda pelo caso de Carmen Santos, actriz que como Bárbara Virgínia se faz realizadora (SANGUE MINEIRO, LIMITE, 1929-30), desaparecendo no ano em que Virgínia chega ao Brasil desembarcada do pacote Vera Cruz ao lado da mãe. Apontando coincidências e exemplos ilustres que coabitaram o século XX do cinema, Luísa Sequeira propõe uma reflexão filmada acerca do lugar atribuído e negado a mulheres cujas visões e criatividade essenciais resistiram ao apagamento que lhes foi sendo dedicado. Ou à espécie de *maldição* verbalizada no *off*.

A dos TRÊS DIAS SEM DEUS não foi imediata. Começou como um presente, não uma maldição, o filme centrado na chegada de uma jovem professora a uma aldeia do interior do país que, sem padre e médico durante três dias, se torna palco de acontecimentos bizarros. Por uma ou outra razão, Raúl Faria da Fonseca abandonou o projecto e este acabou por ser entregue à actriz principal, que o filmou nos arrabaldes de Lisboa e nos estúdios da Cinelândia. Todas as fontes indicam que, estreado no Cinema Ginásio, em Lisboa, traduzia a pessoalíssima visão de Bárbara Virgínia. A crítica e o público aplaudiram a “História estranha e bem urdida” que o *trailer* apregoava falando de “superstição, paixões movediças da multidão, espírito de abnegação e a vitória da verdade” do “mais português de todos os filmes portugueses”. Em Cannes correu muito bem, embora convidada pelo festival, Bárbara Virgínia não tenha viajado até lá para honrar o compromisso de acompanhar a estreia no Porto, o que lhe pode ter custado a pouca sorte a que acabou votada no cinema. Nas várias entrevistas convocadas por Luísa Sequeira em QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? é o que a ouvimos dizer.

Note-se, neste ponto do texto, como esta sessão de Maio na Cinemateca junta AS PIONEIRAS DO CINEMA EM LÍNGUA PORTUGUESA e QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? assinalando o lançamento de uma publicação com edição DVD, da Cinemateca, dedicada a Bárbara Virgínia e TRÊS DIAS SEM DEUS, que contempla documentação, escritos de época, textos originais, a reprodução *fac-símile* da planificação de trabalho da realizadora, os fragmentos existentes a esta data, o *trailer*, um novo filme de Luísa Sequeira à volta de Bárbara Virgínia intitulado ESSE OLHAR QUE É SÓ TEU (2026). Somando a estudos académicos ou exposições sobre o seu “caso”, significa isto que está de algum modo em curso a *reparação* sobre o que significou, e o que podia ter significado, a sua presença na cinematografia, não obstante os desastres e a desatenção portuguesa para com Bárbara Virgínia. Nas páginas que reproduzem a planificação anotada do filme, usado por Bárbara Virgínia durante a rodagem, sobressai a caligrafia e a reiteração da inscrição das iniciais da cineasta, BV. De novo, o nome e o que este transporta de afirmação de identidade.

QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? segue as pistas documentais e concretas de Bárbara Virgínia, nos arquivos portugueses, junto de investigadores, em Portugal e no Brasil, compila fotografias, documentos, imagens de arquivo e novas imagens, depoimentos, às tantas tornando-se um diário da realizadora no encalço da cineasta com quem falha, no último minuto, um aguardado encontro. Foi começado ainda em vida da cineasta que teve muitos outros ofícios, sempre apegada ao desejo do cinema, nas suas vidas em Portugal, onde se distinguiu, e no Brasil, a partir de 1952, e contando com o breve interregno em que regressou ao seu país de origem para voltar a encontrar falta de oportunidades. Luísa Sequer retrata o fulgor de Bárbara Virgínia, o poço de um país engolido pela repressão da ditadura do Estado Novo e outros “brandos costumes”, inflectindo para o registo do diário filmado com a frustração de ter chegado tarde ao encontro com a retratada. Mas QUEM É BÁRBARA VIRGÍNIA? procura outro desfecho, acolhendo a filha Bárbara Virgínia, e sobretudo continuando a fazer vibrar a energia da cineasta curto-circuitada pelas suas, nossas, circunstâncias.

Maria João Madeira